

## O MEIO QUE NA MÍDIA: UMA ABORDAGEM FUNCIONAL DA LÍNGUA

Gilsileide Cristina Barros Lima<sup>136</sup>  
(UESB)

Milca Cerqueira Etinger Silva<sup>137</sup>  
(UESB)

Valéria Viana da Silva<sup>138</sup>  
(UESB)

Jorge Augusto Alves da Silva<sup>139</sup>  
(UESB)

### RESUMO

Neste estudo, realizamos uma pesquisa incipiente sobre a presença da expressão linguística *meio que* na mídia à luz de uma abordagem funcional da língua. O *corpus* é formado de exemplos retirados das mídias eletrônica e impressa. Conforme os resultados, a construção é frequente e aceita inclusive em contextos considerados como mais formais.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Meio que*; mídia; funcionalismo.

### INTRODUÇÃO

A língua está em constante estado de mudança, condicionada por fatores sociais, estruturais, cognitivos

---

<sup>136</sup> Mestranda do PPGLin – UESB. giluesbgrh@gmail.com

<sup>137</sup> Mestranda do PPGLin – UESB. milcacerqueira@gmail.com

<sup>138</sup> Professora do PPLin –UESB.

<sup>139</sup> Professor do PPLin –UESB.

ou históricos. Para Saussure (2004), ela constitui um sistema homogêneo e deve ser “considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2004, p. 271). Essa noção de língua “supõe que eliminemos dela tudo que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema” (SAUSSURE, 2004, p. 29). Assim, a análise linguística saussuriana privilegia o aspecto formal da estrutura linguística e minimiza os aspectos relacionados à função.

No Funcionalismo, abordagem utilizada neste estudo, a língua estrutura-se para cumprir a sua função comunicativa e não pode ser analisada como um objeto autônomo, visto que está sujeita a pressões do uso. Na perspectiva funcionalista de língua, a sintaxe depende da semântica e esta se relaciona, por sua vez, à pragmática, ou seja, a estrutura linguística surge com base no objetivo da interação, no conhecimento de mundo dos participantes e no contexto discursivo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para o presente trabalho, inicialmente consultamos dicionários da língua portuguesa e gramática tradicionais, para observarmos como a expressão *meio que* é apresentada em tais compêndios.

Em seguida, selecionamos cerca de trinta ocorrências da expressão linguística em destaque, retiradas de programas de tevê, blogs, e redes sociais em geral, com o propósito de verificarmos a referida expressão na língua em uso, seguindo, dessa forma, os pressupostos funcionalistas.

A hipótese da presença corrente do padrão inovador do *meio que* na mídia surgiu da constante observação do uso da língua nos programas de tevê. O primeiro exemplo foi identificado num programa matutino quando um repórter declarou:

"[...] se a gente faz reportagem mostrando o problema que, seja do que for, da calçada, seja qual for, a gente percebe que, assim, todo mundo *meio que* já sabe isso [...]"

Num outro dia, uma apresentadora famosa, da mesma emissora, afirmou: "[...] é a sensação de que você meio que cumpriu sua missão [...]"<sup>140</sup>.

Partimos, então, para a mídia impressa com o objetivo de verificar se em tal contexto a estrutura *meio que* também era utilizada. São inúmeras as situações em que ela aparece:

(1) “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo”, livro de David Foster Wallace (tradução, Companhia das Letras)

---

<sup>140</sup> Programa Encontros, Rede Globo, out. 2013.

(2) Agripino e Rosalba: Conversa “meio que assim...” (Blog Serrinha de Fato, setembro de 2013)

(3) “Fiuk recebe presente meio que inusitado de sua mãe” (<http://tvfoco.pop.com.br>)

Destacamos apenas três dos exemplos encontrados porque a nossa preocupação não é provar exaustivamente a presença do *meio que*, mas mostrar o padrão inovador que confere aceitabilidade ao texto nos mais diversos contextos discursivos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *meio que* é aceito pela língua culta com a seguinte acepção: “[...] o governo brasileiro decidiu apostar em um *meio que* produz grande poluição [...]”<sup>141</sup>. O *meio* é um substantivo masculino que indica a possibilidade de fazer qualquer coisa, uma maneira para alcançar um fim. Refere-se às acepções 6 e 7 do Houaiss, Dicionário eletrônico da língua portuguesa, e 8, 9, 10 e 11 do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. O *que* é um pronome relativo que introduz oração subordinada e representa o seu antecedente (HOLANDA, 1986).

---

<sup>141</sup> Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/quimica/o-que-presal.htm>>. Acesso em: 29 out. 2013.

O *meio que*, elemento inovador, não aparece nem nos dicionários mais recentes, como o Dicionário da Língua Portuguesa, de Evanildo Bechara (2011) e o Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (2012). Em consulta por meio do “ABL responde”, a Academia Brasileira de Letras (ABL) (2013) afirma: a expressão, considerada “informal”, “não é recomendável”. Verifica-se, desse modo, uma concepção formalista da língua que minimiza os aspectos relacionados à função.

Para a abordagem funcionalista, gramática e discurso não podem ser estudadas separadamente (CEZARIO, 2012), pois

“ambos existem em função de algumas características da própria natureza humana: a necessidade de comunicação, a necessidade de ser expressivo e a tendência de repetição de ações (nossas ou de outros indivíduos)” (CEZARIO, 2012, p. 20).

Martelotta (2003) afirma “o principal interesse de uma linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas”.

A motivação linguística é, segundo Cezario (2012), regida pelo princípio da iconicidade, segundo o qual há alguma motivação entre forma e função, e pelo

princípio da marcação, que prevê existir uma oposição entre formas marcadas e não marcadas.

Assim, este estudo mostrou que a estrutura *meio que* não é prescrita pela tradição gramatical, nem se associa às acepções dos dicionários, mas tem uma função na língua, possivelmente um marcador discursivo que indica hesitação, imprecisão, aproximação, e aparece em discursos de longo alcance. Portanto, ela funciona na comunicação e não deve ser encarada apenas como uma impropriedade em relação à norma culta. Refletir sobre o uso dessa e de outras expressões, sem reduzi-las a questões como o que é considerado certo ou errado, constitui um desafio e uma tarefa para os estudiosos da língua.

## **CONCLUSÕES**

A pesquisa aponta para a existência corrente e para a aceitação da expressão *meio que* na mídia, pois ela aparece inclusive em contextos mais formais. Desse modo, e concordando com a abordagem Funcionalista da língua, segundo a qual “a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante” (CUNHA, 2003), propomos aceitar e conceber a construção *meio que* como uma estrutura

inovadora, também responsável pelo pleno funcionamento da língua.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Rio de Janeiro, 2013. Consulta por e-mail, realizada em outubro de 2013.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: Souza, Edson de Rosa (Org). **Funcionalismo Linguístico Análise e Descrição**. São Paulo: Contexto, 2012.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012. 1 CD-ROM.

MARTELOTTA, M. E. AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Martelotta, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

### Site consultado:

<http://tvfoco.pop.com.br>